



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



SENTIMENTO DE CULPA DAS MÃES DE FILHOS COM AUTISMO

FADEL, Renata.¹

LEAL, Neide.²

MATTE, Diles Dreier.³

TONELLO, Ortenila Laerssen.⁴

VECCHIA, Christiane Cordeiro Silvestre Dalla⁵

RESUMO

A culpa pode ser vista e compreendida por vários contextos e significados. Na abordagem psicanalítica pode-se brevemente entender a culpa como um complexo de culpa, na qual ela é alvo de uma atenção particular. Para Freud a culpa é a tensão entre o Ego e o Superego, enquanto o Id condena as pulsões mais primitivas o superego encarrega de repreender, através de juízo de censura e crítica. O Ego media essas duas instâncias e quando essa mediação fica difícil de ser alcançada, origina-se a submissão do Ego e do Superego que para Freud é assim que emerge o sentimento de culpa. O objetivo do presente trabalho é descrever a culpa no sentido dos laços maternos, sendo uma demanda de desenvolvimento social. Este trabalho tem como metodologia uma análise bibliográfica sobre a temática utilizando como referencial teórico a psicanálise. Esta temática surgiu a partir do estágio obrigatório de grupos do curso de Psicologia. Desta forma o presente artigo descreve sobre a temática da culpa, associada as mães atípicas que vivenciam o diagnóstico do Transtorno Espectro Autismo.

PALAVRAS-CHAVE: Culpa – autismo - psicanálise

1. INTRODUÇÃO

Os sujeitos vivem demandas intensas no dia-a-dia, e estas acarretam no seu estado físico, psicológico, emocional, assim como nas relações sociais que atravessam esses sujeitos. Desta forma é importante entender tais demandas e como elas afetam esses sujeitos, uma demanda social vivenciada por um grupo específico de sujeitos que são as mães é a culpa, que traz

¹Acadêmica do 7º período de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: Rmfurtado@yahoo.com.br

²Acadêmica do 7º período de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: leal_neide@hotmail.com

³Acadêmica do 7º período de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: dmatte@proton.me

⁴Acadêmica do 7º período de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: oltonello@minha.fag.edu.br

⁵Doutora em Educação pela UFPR. Professora do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: christianeverecchia@fag.edu.br



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



Consequências para estas, e um público mais específico que vivencia esta demanda diariamente é as mães atípicas, que carregam várias nuances de culpas pelos filhos, por elas, pelas relações que experienciam no dia-a-dia.

Diante disto tal trabalho irá discorrer sobre o conceito de culpa e sua relação com o maternar atípico.

Para Freud a culpa é a tensão entre o Ego e o Superego, enquanto o Id condena as pulsões mais primitivas o superego encarrega de repreender, através de juízo de censura e crítica. O Ego media essas duas instâncias e quando essa mediação fica difícil de ser alcançada, origina-se a submissão do Ego e do Superego que para Freud é assim que emerge o sentimento de culpa.

Para Carvalho, (1997, p. 46).

Na culpa, sentimos que não podemos ser nós mesmos. Não encontramos lugar, experimentamos algo como rejeição ou iminência de morte, uma sensação de falta de naturalidade, uma atitude contraída para com as demais pessoas ou mesmo para o ambiente que nos cerca. Sentimo-nos como estranhos, como se algo se interpusesse entre a natureza e nós – como se dela tivéssemos sido alijados ou abortados. O mundo não nos aninha. É algo como uma vergonha não localizada, gratuita, que nos deixa desconfortáveis. Temos ânsia de fazer algo para remediar, mas não sabemos o quê (Carvalho, 1997, p. 46).

Outra forma de culpa encontra-se na relação mãe e filha, uma relação de dependência, que, por vezes, a mãe encontra satisfação em manter.

A menina se aliena no grande outro, papel este que é exercido, frequentemente, pela mãe. A filha espera que esse grande outro venha satisfazer todas suas necessidades e demandas.

Para Lacan existem duas operações consideradas constitutivas do ser humano (Zalcborg, 2003, p. 43) as descrevem da seguinte forma:

“A alienação e a separação. A alienação é a operação do primeiro momento: significa que a criança, ao nascer, encontra-se em uma condição alienada, totalmente dependente do mundo de significação e de desejo de um outro, no caso, a mãe. A esse tempo inaugural deve seguir-se um segundo, que introduza uma



primeira separação entre mãe e a criança e possibilite a esta sair da posição de total submissão ao mundo do outro materno.”

É preciso se deparar com a falta, com a separação, o pai faz a figura da metáfora paterna, ele separa essa díade que é a relação mãe e filha por meio do complexo de Édipo.

A metáfora paterna inscreve tanto a criança quanto à mãe na falta. É a partir da separação que a criança se depara com a falta. A primeira falta que a criança tem dificuldade em aceitar é a falta do grande outro, que é exercido pela mãe. Sem a falta, não se consegue ter o próprio desejo.

Para (Zalcborg, 2003, p.56),

“A operação estrutural da metáfora paterna, ao mesmo tempo em que dá ao sujeito uma primeira consistência de ser, também o determina como dividido: ele torna-se sujeito, mas não por ter acesso aos seus significantes primordiais, ele também é apenas “efeito” do significante.”

A menina deseja o que a mãe deseja, para Zalcborg, 2003, p.61,

“Se o desejo da mãe é por esse “algo” impossível inicialmente de ser nomeado, a criança procura identificar-se com esse “algo” que a mãe deseja, sem mesmo saber o que é. Essa identificação resulta da necessidade da criança de ser amada e de, através desse amor, procurar um lugar para poder ser.”

Uma vez que a criança é introduzida na falta pela separação, cabe à mãe preservar esse espaço de falta, pois senão trará sérias consequências. Segundo (Malvine, p. 67)

“satisfazer a mãe ao nível da demanda pode ser muito gratificante para uma filha, mas deixa-a presa a uma busca de reeditar a condição de ser objeto de amor do outro. Essa dependência amorosa de uma filha em relação à mãe, trará a esta, uma gratificação da qual ela terá muita dificuldade em renunciar, contribuindo ainda mais para o árduo processo de separação que a filha tentará encetar com a mãe, para ser mulher e mãe, ela mesma”

O objetivo do presente trabalho é descrever a culpa no sentido dos laços maternos, sendo uma demanda de desenvolvimento social, associada as mães atípicas que vivenciam o diagnóstico do Transtorno Espectro Autismo.



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A culpa pode ser vista e compreendida por vários contextos e significados, na abordagem psicanalítica pode-se brevemente entender a culpa como um complexo de culpa, na qual ela é alvo de uma atenção particular.

Para Freud a culpa é a tensão entre o Ego e o Superego, enquanto o Id condena as pulsões mais primitivas o superego encarrega de repreender, através de juízo de censura e crítica. O Ego media essas duas instancias e quando essa mediação fica difícil de ser alcançada, origina-se a submissão do Ego e do Superego que para Freud é assim que emerge o sentimento de culpa.

Para Carvalho, (1997, p. 46).

“Na culpa, sentimos que não podemos ser nós mesmos. Não encontramos lugar, experimentamos algo como rejeição ou iminência de morte, uma sensação de falta de naturalidade, uma atitude contraída para com as demais pessoas ou mesmo para o ambiente que nos cerca. Sentimo-nos como estranhos, como se algo se interpusesse entre a natureza e nós – como se dela tivéssemos sido alijados ou abortados. O mundo não nos aninha. É algo como uma vergonha não localizada, gratuita, que nos deixa desconfortáveis. Temos ânsia de fazer algo para remediar, mas não sabemos o quê (Carvalho, 1997, p. 46)”.

Outra forma de culpa encontra-se na relação mãe e filha, uma relação de dependência, que, por vezes, a mãe encontra satisfação em manter.

A menina se aliena no grande outro, papel este que é exercido, frequentemente, pela mãe. A filha espera que esse grande outro venha satisfazer todas suas necessidades e demandas.

Para Lacan existem duas operações consideradas constitutivas do ser humano (Zalcborg, 2003, p. 43) as descrevem da seguinte forma:

“A alienação e a separação. A alienação é a operação do primeiro momento: significa que a criança, ao nascer, encontra-se em uma condição alienada, totalmente dependente do mundo de significação e de desejo de um outro, no caso, a mãe. A esse tempo inaugural deve seguir-se um segundo, que introduza uma primeira separação entre mãe e a criança e possibilite a esta sair da posição de total submissão ao mundo do outro materno.”



É preciso se deparar com a falta, com a separação, o pai faz a figura da metáfora paterna, ele separa essa díade que é a relação mãe e filha por meio do complexo de Édipo.

A metáfora paterna inscreve tanto a criança quanto à mãe na falta. É a partir da separação que a criança se depara com a falta. A primeira falta que a criança tem dificuldade em aceitar é a falta do grande Outro, que é exercido pela mãe. Sem a falta, não se consegue ter o próprio desejo.

Para (Zalcborg, 2003, p.56)

“A operação estrutural da metáfora paterna, ao mesmo tempo em que dá ao sujeito uma primeira consistência de ser, também o determina como dividido: ele torna-se sujeito, mas não por ter acesso aos seus significantes primordiais, ele também é apenas “efeito” do significante.”

A menina deseja o que a mãe deseja, para Zalcborg, 2003, p.61,

“Se o desejo da mãe é por esse “algo” impossível inicialmente de ser nomeado, a criança procura identificar-se com esse “algo” que a mãe deseja, sem mesmo saber o que é. Essa identificação resulta da necessidade da criança de ser amada e de, através desse amor, procurar um lugar para poder ser.”

Uma vez que a criança é introduzida na falta pela separação, cabe à mãe preservar esse espaço de falta, pois senão trará sérias consequências. Segundo (Malvine, 2003, p. 67,)

“satisfazer a mãe ao nível da demanda pode ser muito gratificante para uma filha, mas deixa-a presa a uma busca de reeditar a condição de ser objeto de amor do outro. Essa dependência amorosa de uma filha em relação à mãe, trará a esta, uma gratificação da qual ela terá muita dificuldade em renunciar, contribuindo ainda mais para o árduo processo de separação que a filha tentará encetar com a mãe, para ser mulher e mãe, ela mesma”

A culpa é um sentimento universal entre os indivíduos, mais presente nos laços maternos, emerge dessa relação de dependência entre mãe e filha, se perpetua no tempo. É um dos grandes problemas do desenvolvimento da civilização, parece estar verdadeiramente presente na estrutura do desejo humano. O ser humano é o único animal que sente culpa, e não porque cometeu um delito ou até mesmo um crime, parece trazer em si uma culpa que não remete a nenhum ato, mas à própria existência.

As mães atípicas geralmente doam quase exclusivamente seu tempo aos filhos com TEA, isso acarreta que deixam de cuidar de si, de outros filhos, do casamento, trazendo em momentos a culpa por falta de tempo, por não dedicar-se a todos como queria, entre outros motivos.



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



É fundamental cuidar dessas mães, e mostrar que elas precisam olhar para elas, para que tenham vontade de viver, ter saúde emocional que vai ajudá-las inclusive no cuidado com todos os filhos, não somente o que tem um transtorno.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho tem como metodologia o estudo bibliográfico em artigos na base de dados da Scielo e livros supra citados relacionados à temática do estudo, especialmente no que aborda a temática de Culpa em Mães Atípicas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é possível observar, a culpa então surge da tensão estabelecida entre o Ego e superego, segunda tópica Freudiana. É um sentimento emocional que está intimamente ligado à relação que se estabelece no aparelho psíquico. O superego, que impõe as regras, a moral, em conflito com o Id que é amoral e gozador faz emergir o sentimento de culpa.

Outra forma de culpa encontra-se na relação mãe e filha, uma relação de dependência que, por vezes, a mãe tem prazer em manter. A filha tentar satisfazer à mãe em todo contexto, torna-se seu objeto de amor, essa relação tem que ser separada pela metáfora paterna, é o pai quem irá demarcar a falta. Sem a falta, não se consegue ter o próprio desejo. Assim, uma vez que a criança é introduzida na falta pela separação, cabe à mãe preservar esse espaço de falta, pois senão trará sérias consequências, uma delas é a própria culpa.

Socialmente é relevante estudá-la para uma melhor compreensão desse sentimento materno e para auxiliar às mães no processo de tratamento terapêutico.



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



Pode-se observar que a culpa tem significados diferentes para as mães atípicas, pois leva-se em consideração o desenvolvimento social da trajetória de cada uma, sua história de vida, relações com o outro, pois é assim que ele vai constituindo suas formas de pensar, agir e sentir, e desta forma uns se culpam pelo modo que criaram seus filhos, outros por não ter tempo de fazer o que mais gostam, por não se dedicar tempo suficiente as atividades individuais tais como cuidados próprios, academia, viagens, lazer; outras se culpam por cobrar demais ou de menos dos que amam, principalmente de sua família.

REFERÊNCIAS

Carvalho, C. F. V. **Animal culpado: a liberdade pelo não**. Petrópolis(1997: Vozes.

Freud, S. **O Ego e o Id**. Rio de Janeiro: 1997 Imago Editor.

Freud, S. **Obras Completas: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria**. 1ª ed. São Paulo. Companhia das letras, 2016.

Silva, C.G., Santos, A. O.; Licciardi, D.C.; Paiva, V.; **Religiosidade, Juventude e Sexualidade: entre a autonomia e a rigidez, Psicologia em Estudo**. Maringá, v.13, n.4, p. 683-692, out/dez. 2008.

Zalcborg, Malvine. **A relação mãe e filha**. Rio de Janeiro. Elsevier, 2003. 20ª Reimpressão.

Zimerman, D.E.; **Fundamentos Básicos das grupos terapias**. Porto Alegre. Artes Médicas Sul.1993.